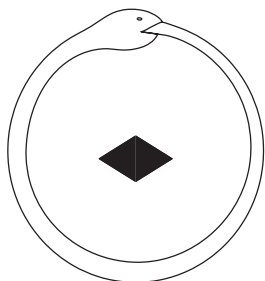


PYTUN JERA  
DESABROCHAR DA NOITE  
Carlos Papá



cadernos  
SELVAGEM



**PYTUN JERA,**  
**DESABROCHAR DA NOITE**  
Carlos Papá

Fala apresentada na roda de conversas *Céu*  
durante o *Selvagem*, ciclo de estudos sobre a vida,  
no Teatro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro  
em 14 de novembro de 2019

Estou aqui para poder me expressar de uma forma que eu entendo como é o nosso mundo e o nosso habitar. Falamos muito de uma grande surpresa, e eu vejo isso como a abóbora, que chamamos *Kuara pépé*, considerada metaforicamente o asteroide.\*

Quero dizer, como surgiu o mundo hoje, como estamos, a natureza, a água, a terra, e nós somos parte de uma energia, todos nós somos parte de uma energia. Porém, nós temos duas energias. No corpo da gente, entre nós aqui, tem uma energia, por exemplo, 'menos' e 'mais'.

Por incrível que pareça, nenhuma pessoa intelectualizada me falou como surgiu o escuro. E como surgiu essa energia do escuro. Coisa que, dentro da nossa comunidade, é explicada. Nós necessitamos do escuro. Inclusive agora, por exemplo, a gente está vendo aqui algum vãozinho, alguma sombra, que faz parte; sempre o escuro está com a gente. Inclusive o nosso interior.

E a gente tem essa mania de julgar, ou inferiorizar, ou até mesmo sentir, querer sentir o que a gente está vendo. Mas a gente não está preocupada em sentir nós mesmos. Porque nós mesmos estamos no escuro, no interior, lá dentro. Tanto é que a fala vem de dentro para fora. Vem do escuro, que ninguém conhece. Como que é isso? É o sopro! E vem do escuro, e através do sentimento, da expressão, e é por isso que vem esse domínio de tocar o sopro para as pessoas ouvirem e entenderem o que você está falando.

---

\* A gente não sabe até quando estaremos aqui. Como um asteroide ou uma abóbora que pode se partir.

Nós acreditamos que o escuro é o responsável por todo o universo, inclusive *Nhanderu*, Deus Supremo. De onde veio *Nhanderu*, nosso criador, que nós tanto admiramos? Veio também do escuro. E esse escuro é responsável pela criação de todo o universo hoje, inclusive nosso corpo. Nosso corpo tem água, terra e ferro. E é por isso que necessitamos muito dessa terra. Nós somos parte dessa terra. Não adianta dizer que a terra não é território. Por incrível que pareça, a gente faz parte dessa terra, até a árvore.

E é por isso que falamos *xeyvara reté*. *Xeyvara* significa ‘céu’, ou quando respiro. *Reté*, o corpo, que seria a terra. Portanto, eu sou terra, porém respiro, dependendo dessa atmosfera, que eu recebo, dessa energia. Eu necessito disso para sobreviver.

E é por isso que o escuro é tão importante para nós, porque ele nos recebe quando a gente quer descansar; por exemplo, a gente vai dormir, e o escuro recebe a gente para descansar. Ou até mesmo na morte. Na morte, a gente volta de novo para o escuro. E aí essas energias ficam procurando outro hóspede. E quando encontram o hóspede, aí renasce tudo de novo. E então chamamos de evolução. Cada dia mais evoluindo. O homem vai falando “nossa, na década de 60 foi isso, agora na década de 2019 é outro”. Então a gente volta, volta, e vai querendo descobrir algo melhor.

E, também, nós não acreditamos que existe Diabo. As pessoas falam Diabo, Diaba, né? Nós acreditamos que são energias. No corpo existe o ‘menos’ e o ‘mais’. O ‘menos’ é calmo, tranquilo, quando entram no restaurante, as pessoas sentam lá, ficam quietinhas, experimentando, ouvindo, sentindo o paladar, calmamente. Agora, os ‘mais’, ficam comendo, e ficam falando várias coisas... Essas coisas são energias, que nós chamamos de *Aña*, que significa ‘velocímetro’. Pessoas velozes, assim, são pessoas que não conseguem sentir seu interior e comer calmamente.

Então a gente tem uma certa perdição. O que a gente está fazendo? Às vezes, a gente pergunta: o que é mesmo que eu estou fazendo aqui na Terra? Qual é a minha função hoje? A gente fica preocupada com a função, “quero ser tal” ou “quero ter emprego tal”, quero ter isso, preocupado, de fazer algo. E é onde a gente esquece da gente, o que a gente veio fazer aqui, no solo, na terra.

E, por incrível que pareça, a gente chama de *yy*, ‘água’. E terra é *yvy*; e árvore, *yvyrá*. Então, quer dizer, água é sustento líquido. É um pilar de todo universo, mas é líquida e é transparente. *Yvy* é terra, que é seca, porém é parceira da água. *yvyrá*, que é madeira quer dizer “futuro parceiro da água”. *Xeyvara reté* seria ‘eu sou futuro do parceiro da água’. Então é tudo ligado ao outro, nada separado. E é por isso que meu corpo é cheio de água e ferro, que é sangue. E o ar, que eu preciso respirar, a atmosfera produz e dá para mim de graça.

Então, nós acreditamos que o escuro é responsável por todo o universo. O escuro é uma energia muito forte. O escuro está presente a todo momento. Na hora de dormir, na hora de encontrar a morte, ou até mesmo tentando encontrar a nós mesmos. Por dentro, a gente não consegue se enxergar. Porque nossos olhos são limitados. A gente não tem uma capacidade de, através do olho, enxergar; a gente já perdeu a noção de enxergar no escuro. Ou até mesmo de sentir o escuro.

Nossos grandes sábios, na nossa aldeia, chamamos de *Arandu*, que significa ‘pessoas que conseguem sentir sua própria sombra’. A sombra está com a gente o tempo todo. Na hora de dormir, na hora de descansar, quando encontra a morte, o escuro e a sombra estão juntos. Então, por sua vez, o dia, para nós, é o pai do universo. E o escuro é a mãe do universo. E a mãe é o mistério do universo; a mãe é mais forte do que o pai, *Nhamandu*. *Nhamandu* é o pai do dia. *Nhanderu* é o pai de *Nhamandu*.

Então, o escuro é muito mais forte do que o dia. O escuro é energia feminina. Nós consideramos que as mulheres são muito mais fortes do que o homem. O homem só tem força braçal, bruto. Mas o homem não é capaz de parir uma criança. O homem, qualquer coisinha, uma dor insuportável, quase morre. Mas a mulher, não. Ela sente e suporta a dor, inclusive na primeira vez, na hora de dar de mamar, dói. As mulheres são pessoas que sabem lidar com a dor, sofrem sozinhas. Na hora que elas agem, ninguém segura.

*Aguyjevete.*

Carlos Papá Mirim é um líder e cineasta indígena do povo Guarani Mbya. Trabalha há mais de 20 anos com produções audiovisuais, com o objetivo de fortalecer e valorizar a cultura *guarani mbya* por meio da realização de documentários, filmes e oficinas culturais para os jovens. Também atua como líder espiritual em sua comunidade. Vive na aldeia do Rio Silveira, onde participa das decisões coletivas e busca ajudar a sua comunidade a encontrar caminhos para viver melhor. É Conselheiro do Instituto Maracá e representante pelo litoral norte de SP da comissão *Guarani Yvy rupa* (CGY)

## AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade  
Conservação Internacional Brasil  
Instituto Maracá

A edição deste caderno contou com as especiais colaborações de Bruna Aieta, que fez a transcrição da fala, e de Sâmia Rios, revisora do texto.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br)

Muito obrigada ;)

**BRUNA AIETA:** Comunicadora, educadora, pesquisadora. Amante e aprendiz da natureza e da vida no planeta Terra. Entre outras atividades, busca contribuir com espaços transformadores. A atuação local comunitária sempre esteve em seu caminho e movimentos. Pesquisa cultura, linguagem, biomimética e autonomia; realiza um doutorado informal sobre o futuro da educação.

**SÂMIA RIOS:** Sou uma leitora e estudante entusiasmada desde criança, e para sempre serei! O meu amor pelas narrativas me levou a estudar Letras e Pedagogia. Trabalho há mais de 30 anos com livros, fazendo revisão, preparação, edição, adaptação de contos de fadas e algumas traduções de títulos de literatura infantil do inglês e do alemão. Estou muito contente de me reunir a essa comunidade selvagem!